

Povos Indígenas no Brasil

Fonte A Tribuna da Imprensa

Class.: 818

Data 9 de Julho de 1980

Pg.: _____

Carta ao Papa iguala extermínio de índios a massacre nazista

O Papa João Paulo II, vai ter um encontro, amanhã com 90 chefes indígenas, que lhe entregarão uma "carta-aberta" na qual comparam o processo de extermínio dos índios brasileiros "ao massacre do povo polonês e judeu pelo imperialismo e racismo nazista". Lembram que de cinco milhões de habitantes, os índios estão reduzidos a 210 mil, e afirmam que "este processo de extermínio, que se acelerou nos últimos cinco anos", foi consequência "da entrega da Amazônia a grandes empresas nacionais e multinacionais".

Para o encontro com o Papa estão sendo esperados 90 caciques das nações Sateré-Maué, Dessana, Kallipuna, Yanomani, Wapixana, Macuxi, Tiuna e Kalibi. Os representantes dos Waimiri-Atroari não virão a Manaus, devido à proibição imposta pelo Exército, que é o responsável pela segurança na área onde vivem, ao longo da rodovia BR-174. Do sul do País, só virão os chefes indígenas dos Guarani e Caikanque. Mário Juruna, líder dos xavantes, mesmo não tendo recebido passagem da Funai, está sendo esperado em Manaus.

É a seguinte a íntegra da carta-aberta ao Papa:

"Ficamos alegres em saber que Vossa Santidade vem visitar, "nossa" Amazônia cobigada, que já não é mais nossa. No roteiro da vossa visita, Manaus é a última cidade como ela é, a última na sua situação geográfica, a última na política oficial, "o menor dentre os principais lugares do Brasil, como Belém de Ajuda (MT. 2,6). Por isso, Vossa Santidade veio de um certo modo a nossa cidade como sucessor do apóstolo Pedro posto também "em último lugar, como condenado à morte" (1 CO. 4,9).

Os condenados à morte e os últimos nesta terra, de um modo muito especial, são os povos indígenas. Faz poucos meses, os índios da nação Anamari celebraram a "festa da Pupunha", sua "festa de Natal", o nascimento do novo, da esperança. Em plena festa começaram as mortes, eliminando um terço de seus habitantes.

Morreram de sarampo sem nenhum socorro médico por parte do organismo oficialmente encarregado da sua assistência: a Funai. Em pleno século XX, há poucas semanas, uma equipe de missionários da Prelazia de Labrea (AM) contactou, pela primeira vez, um grupo de 400 índios do rio Coxodóá,

uma nação que odela armas de fogo e que vive em abundante fartura como todos os povos indígenas que ainda não foram contagiados pelos vícios e doenças da civilização ocidental. Como macabro ritual da morte, também pelo território desta nação do Coxodóá já foi traçada a construção da BR-230, trecho Benjamin Constant/Labrea, a construção desta cobra mortífera, chamada Transamazônica, que levou os Tenharim, os Arara, os Gavião, os Para-Anan e tantos outros povos à beira da morte.

Será que de novo a estrada, as empresas e a criação de gado têm preferência diante da nação indígena do Coxodóá, a última a ser contada, vivendo numa região até então inacessível? Qual vai ser a boa nova da equipe missionária, dos agentes da civilização e dos representantes da política oficial? Dizimados pelas doenças, assassinados por empresas que invadem suas terras, oprimidos em sua cultura sem direito a usar oficialmente (nas escolas) sua própria língua, as nações indígenas do Brasil vêm sendo sistematicamente exterminadas nestes últimos 400 anos. De mais de 5 milhões de habitantes, na época da conquista, foram reduzidos a apenas 210 mil. Este processo de extermínio que se acelerou nos últimos anos com a entrega da Amazônia a grandes empresas nacionais e multinacionais é comparável ao massacre do povo polonês e judeu pelo imperialismo e racismo nazista. Realmente, os povos indígenas do Brasil são colocados em último lugar, como condenados à morte. Condenados à morte serão também milhares de crianças que não vão mais nascer, porque depois de vossa visita, Santidade, o governo do Estado vai oficializar um programa de planejamento familiar no Amazonas. Neste programa vão utilizar as mulheres dos pobres, os famintos, dos índios e caboclos, que vivem na periferia desta cidade, como cobaias para testar uma injeção anticoncepcional que uma firma japonesa quer introduzir em toda a América Latina depois de ter testado na "nossa" Amazônia. Querem acabar com os pobres usando a injeção anticoncepcional para não precisar transformar o sistema social, político e econômico.

Por isso, a Força Aérea foi buscar, no interior, índios para virem ao encontro de Vossa Santidade, porque 16.000 índios que vivem na periferia de Manaus não querem e não podem mais dançar diante de Vossa Santidade: perderam a ab-

gría de viver, suas terras e a força de se identificar como índios. O racismo entre nós é tão forte que, com raras exceções, nenhum índio se identifica nesta cidade como índio: diz-se peruano. Os moradores autóctones desta Terra da Santa Cruz têm que se chamar estrangeiros para serem aceitos pela sociedade oficial. O que é mais humilhante do que a sonegação de si mesmo da sua identidade como povo, raça e nação?

Nós, do último lugar da vossa visita, sabemos também que os últimos lugares são de uma maneira muito especial consagrados pela presença de Cristo. Iluminados por esta presença, procuramos não discutir falsos problemas, desligados do povo. Não discutimos a infalibilidade papal, porque cremos que o Papa, de um modo muito especial, é guiado pelo Espírito Santo quando fala ex-cátedra. Mas discutimos a transformação desta sociedade numa sociedade mais justa — porque temos fome, não só de justiça, mas fome mesmo — sociedade nova, onde se aceite a autodeterminação dos povos indígenas, onde se valorize a sua cultura e se garanta a propriedade coletiva de suas terras. Não há libertação integral desta sociedade e dos povos indígenas, senão a partir e com as suas terras, que são o seu chão cultural, o campo da sua história, e lugar da promessa.

Compartilhando com Vossa Santidade as nossas angústias, queremos também assegurar-lhe que não perdemos a esperança. Os últimos lugares são os lugares da esperança, porque ninguém pode ser mais rebaixado do que até o último lugar. Aos do último lugar o dono da festa disse: "Amigo, sobe mais para cima" (LC. 14,10).

Santidade, obrigado pela Vossa visita ao último lugar. Conte neste mundo afora do nosso clamor e da nossa esperança indígena. Faça ouvir a nossa voz na Igreja, que para ser verdadeiramente católica — Igreja de "toda nação, tribo, povo e língua", (APDC 7,9) — seja também índia, ameríndia".